EMOÇÕES EM MOVIMENTO: A DIMENSÃO EMOCIONAL NA TRAJETÓRIA DE MIGRANTES HAITIANAS E SÍRIAS NO BRASIL

Ana Julia Guilherme[1]
Rafaella Theis[2]
Márcio de Oliveira [3]

RESUMO

Investiga-se aqui grupo particular de mulheres migrantes e refugiadas em diversas configurações familiares e residentes nas cidades de Joinville, estado de Santa Catarina, e Curitiba, estado do Paraná. Toma-se como unidades de análise nos processos migratórios e trajetórias de inserção nas sociedades de destino, os vínculos com a pátria de origem, as conexões transnacionais, o cuidado e a proteção. Os dados coletados em entrevistas e no trabalho de campo indicam a importância da dimensão emocional nas trajetórias e práticas sociais dessas mulheres imigrantes, desde a sociedade de origem até a sociedade de acolhimento. Foi observado ainda que a dimensão emocional está na base de práticas sociais variadas desde a definição do projeto migratório como as escolhas profissionais, educativas e a manutenção ou o estabelecimento de relacionamentos afetivos. Finalmente, observa-se que a dimensão emocional reforça os laços sociais entre migrantes e seus familiares que permanecem na sociedade de origem. Em con-

[1]Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná e bolsista CAPES.
[2]Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná.
[3]Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná.

clusão preliminar, afirma-se que os processos migratórios e de inserção local não se limitam à busca individual por melhores oportunidades, mas mantém relação com as cadeias globais de cuidado e de proteção social, evidenciando assim o papel das dinâmicas socioemocionais.

Palavras-chave
Mulheres; Emoções; Migrações; Brasil.

Abstract

Here, we investigate a particular group of migrant and refugee women in different family configurations and residents of the cities of Joinville, state of Santa Catarina, and Curitiba, state of Paraná. Units of analysis in migratory processes and insertion trajectories in destination societies are taken as ties with the homeland, transnational connections, care and protection. Data collected in interviews and in field work indicate the importance of the emotional dimension in the trajectories and social practices of these immigrant women, from the society of origin to the host society. It was also observed that the emotional dimension is at the base of varied social practices from the definition of the migratory project to professional and educational choices and the maintenance or establishment of affective relationships. Finally, it is observed that the emotional dimension reinforces the social ties between migrants and their families who remain in the society of origin. In a preliminary conclusion, it is stated that the migration and local insertion processes are not limited to the individual search for better opportunities, but are related to the global chains of care and social protection, thus highlighting the role of socio-emotional dynamics.

Key Words
Women; Emotions; Migrations; Brazil.

Introdução

O papel das emoções e sentimentos nas ciências sociais vem se consolidando nos EUA desde os anos 1970 e, no Brasil, desde os anos 1990 (HOCHSCHILD, 1983). Para além de serem manifestações ou experiências puramente pessoais, há estudos que analisam o impacto das emoções no mundo do trabalho (SOARES, 2003) ou nas associações que reagrupam vítimas de diversas ordens (LATTÉ, 2015). Nesse campo de estudos que se espalha por diferentes temas afirma-se que os fenômenos sociais são indissociáveis de sua dimensão emocional (BARBALET, 2001; BOCCAGNI, BALDASSAR, 2015; ARIZA, 2016; FERNÁNDEZ, 2020). Não há assim porque duvidar do papel das emoções e dos sentimentos nos processos migratórios, sobretudo porque migrar implica em perdas e/ou distanciamentos seja de entes queridos, seja ainda de paisagens e referências culturais (culinárias, musicais, etc.).

O vasto campo de estudos migratórios pode ser dividido, de maneira sumaríssima, em dois grandes grupos. Primeiro, aquelas pesquisas que analisam as migrações do ponto de vista das macroestruturas econômicas e política (oportunidades de geração de renda e emprego, de um lado, e papel do Estado, de outro); segundo, aquelas pesquisas que focam nos próprios migrantes, suas experiências e perspectivas (DE HAAS, 2021). A pesquisa que apresentamos aqui inscreve-se nesse segundo grupo, mais especificamente, analisando mulheres de origem síria e haitiana que migraram para o Brasil nos últimos anos.

Neste artigo, exploramos as narrativas e as trajetórias de uma haitiana e uma síria no Brasil. As migrantes haitianas saem de seu país marcado por altos índices de pobreza, com histórico de ditaduras, conflitos internos e de catástrofes naturais, e que atualmente possui grande dificuldade de se reestabelecer social e economicamente. As refugiadas sírias fogem de um cenário de guerra e violência, em que o conflito sírio se tornou o principal fator dos deslocamentos massivos na última década e transformou a dinâmica global dos fluxos migratórios (UNHCR, 2020). Considerando-as como agentes de seus percursos e escolhas, interpretamos suas vivências, casamentos e demais discursos de submissão. Além disso, utilizamos também perspectivas dos feminismos negro e islâmico, os quais sustentam a agência e a heterogeneidade destas mulheres em mobilidade (VELASCO, 2008).

De maneira ainda inicial, sintetizamos o contexto dos fluxos migratórios compreendidos das entrevistadas, apresentando brevemente as características

gerais destas migrações contemporâneas no Brasil e a problemática das emoções em paralelo à questão de gênero que subentende a pesquisa. Finalmente, analisamos as entrevistas realizadas e apresentamos nossas conclusões finais.

Traços gerais da recente imigração internacional para o Brasil

Os fluxos migratórios cresceram e ganharam grande repercussão em praticamente todos os continentes nas últimas três décadas. Os países latino-americanos participam desses fluxos, mantendo sua tendência de migrações sul-norte, enviando mais do que recebendo imigrantes. Não obstante, a migração latina inter-regional aumentou sensivelmente em termos absolutos, passando de 2.918.465 indivíduos em 2000 para 3.840.889 em 2010 (PIZARRO; RIVERA, 2016: 15). O percentual de imigrantes regionais no conjunto dos países latino-americanos passou de 24% em 1970 para 63% em 2010, processo semelhante ocorrendo também no continente sul-americano e que se confirmou nos diversos censos de 2010 (PIZARRO; RIVERA, 2016:12; STEFONI, 2017: 3). Nas três últimas décadas, o Brasil juntou-se definitivamente a Argentina e Chile na atração imigrantes originários sobretudo da Bolívia, Colômbia, Paraguai e Peru, mas também de alguns países do Oriente Médio, como a Síria, e da África, como o Congo ou o Senegal (D'ANDREA, 2007; LIBERONA, 2011; SOUCHAUD, 2011; BAENINGER, 2016).

A crescente participação do Brasil nos fluxos latino-americanos foi fruto tanto do maior controle migratório imposto pelos países do Norte global (Hochschild; Mollenkopf, 2008[4]; Speciale, 2010) quanto de uma série de fatores, como o crescimento da economia, e de mudanças em sua legislação. Com efeito, desde os anos 2000, um conjunto de normativas e resoluções criaram o visto humanitário e regulamentaram o trabalho dos imigrantes (qualificados e não-qualificados), dos investidores e mesmo as remessas de expatriados (Brasil, 2004a; 2004b; 2008a; 2008b; Reis, 2011; Raninchesk; Uebel; 2017). Finalmente, coroando esse arcabouço jurídico, o Congresso Nacional promulgou, em 2017, a nova Lei de Imigração[5] (em substituição ao antigo Estatuto do Estrangeiro, de

[4]A título de exemplo, o número de haitianos inadmitidos na fronteira de San Diego (EUA) passou de 334 em 2015 para 9.163 em 2017 (dados até o mês de agosto). Para maiores detalhes, ver Mejía (2018: 24).

[5]A atual Lei de Imigração pode ser consultada no sítio http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm Acesso em 4 de maio de 2021

1980[6] que regulamentou a entrada, residência (temporária e definitiva), refúgio, trabalho e direitos dos imigrantes (Brasil, 2017). Nas duas primeiras décadas do século atual, o país conheceu substantivo incremento no número de imigrantes e de refugiados latino-americanos, em especial haitianos e venezuelanos.

Muito resumidamente, em 2010, não havia um único imigrante haitiano residindo em território brasileiro. O fluxo inicial consolidou-se efetivamente no ano de 2011, quando o Brasil concedeu, em decorrência do terremoto e de sua participação na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, MINUSTAH (Pinheiro, 2015), 593 vistos de residência permanente por razões humanitárias[7] A partir de então, o número de trabalhadores haitianos passou de 814 em 2011 para 14.579 (12.518 homens e 2.061 mulheres) no ano de 2013, o mais significativo crescimento dentre todos os grupos de imigrantes recenseados (RAIS)[8]. Por outro lado, segundo dados da Polícia Federal, cerca de 85 mil haitianos estariam residindo no Brasil ao final de 2015. Finalmente, mesmo no período recente, 2016 e 2019, marcado por forte crise econômica, o número de entradas de haitianos no Brasil alcançou a marca de 40.429 registros e no início de 2021 estimava-se em 100 mil o número de residentes dessa nacionalidade, demonstrando a força do fluxo que se estabeleceu em 2011 (Relatório Anual 2020. Resumo Executivo, 2020: 4).

De acordo com o ***Resumo Executivo. Refúgio em números*** (SILVA, CAVALCANTI, OLIVEIRA, COSTA, MACEDO 2021), entre 2010 a 2019, foram registradas 268.674 mulheres imigrantes de longo termo no Brasil, sendo 2019 o ano de maiores registros da década (55.244), as haitianas se configuram entre umas das principais nacionalidades, chegando a 23.741 mil nesse período. Também são os haitianos que ocupam o primeiro lugar no mercado formal brasileiro, sendo a solicitação de emissão de carteiras de trabalho em 2018 superado pelas mulheres, o que pode significar que mais mulheres migrantes estão procurando

[6]O Antigo Estatuto (ou Lei) do Estrangeiro pode ser consultado no sítio https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6815-19-agosto-1980-366138-norma-pl.html Acesso em 5 de maio de 2021

[7]A título de ilustração, os haitianos foram o único grupo de imigrantes amparados pela Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012, do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que "dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti".

[8]Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) é a base de dados sobre trabalhadores empregados enviada pelas empresas ao final de cada ano ao Ministério do Trabalho. Para maiores detalhes, ver www.rais.gov.br.

por postos de trabalho formal, pois apenas 30% de haitianas ocupam mercado de trabalho formal no país.

O caso da atual migração síria para o Brasil tem como principal causa a guerra enfrentada por aquele país desde 2011 e que já deixou como saldo mais de 500 mil mortos e mais de 6,6 milhões de refugiados, dos quais a maior parte em países fronteiriços como a Turquia[9]. Desse enorme contingente, o Brasil concedeu status de refugiado a 3.800 sírios e sírias, além de tantos outros que já se tornaram cidadãos brasileiros e de outros ainda que estão na categoria de solicitantes de refúgio.

Os dois primeiros anos da imigração de sírios oriundos do conflito, 2011 e 2012, apresentam predomínio de homens em idade adulta no Brasil (BRASIL, 2017, p. 44). A partir de 2013, segundo dados do SINCRE[10] observa-se a existência de migrações familiares, com o aumento nos registros de crianças e mulheres casadas. Até 2017, quase 22% dos sírios registrados no país tinham entre 25 e 30 anos, 17,5% entre 30 e 35 anos, 12% entre 20 e 25 anos e aproximadamente 10% eram crianças com até 10 anos (BRASIL, 2017, p. 44).

Em pesquisa nacional sobre o perfil socioeconômico apoiada pelo ACNUR[11] descobriu-se que a situação dos sírios e sírias entrevistados (153 em 487 entrevistados) era economicamente precária. Em sua maioria, viviam em moradias alugadas, com renda domiciliar mensal variando entre R$ 1.000,00 e R$ 3.000,00, embora tivessem concluído o Ensino Médio e/ou o Ensino Superior em seu país. Não obstante isso, os dados indicavam que eles desejavam permanecer no Brasil, adquirir a nacionalidade brasileira e participar politicamente, votando e sendo votado nos diversos pleitos (OLIVEIRA, 2020b). Em relação ao perfil das mulheres refugiadas sírias no mercado de trabalho formal brasileiro, notava-se que cerca de 55% delas estavam casadas. Por outro lado, a proporção de mulheres empregadas formalmente era menor do que a dos homens. Não obstante isso, as mulheres sírias contratadas apresentavam um nível de escolaridade mais elevado que os homens; até 2017, quase 30% das mulheres admitidas no mercado formal

[9]Para maiores detalhes, ver https://www.acnur.org/portugues/siria/ Acesso: 10 de junho de 2021

[10]Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (SINCRE). Fonte: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/component/k2/itemlist/category/51-sincre. Acessado em 14 de junho de 2021.

[11]Em 2018, diversos representantes das Cátedras Sérgio Vieira de Mello, pesquisadores do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA/UnB), em conjunto com professores do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira da Universidade Federal do Paraná, organizaram em parceria com o ACNUR/Brasil, uma pesquisa nacional sobre o refugiado residente no Brasil (OLIVEIRA, 2020a).

possuíam ensino superior completo, 48% possuíam o ensino médio completo e na categoria *analfabetos,* apareciam apenas homens (Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED; BRASIL, 2017).[12]

Imigração, emoções e gênero: elementos do debate

Emoções são "processos dinâmicos através dos quais os indivíduos experimentam e interpretam o mundo em mudança, a posição que eles mesmos têm em relação aos outros e como moldam suas subjetividades" (SVASEK, 2010, p. 868). Com efeito, como afirmam Baldassar e Boccagni (2015), migração é um poderoso catalisador de mudanças na vida emocional, situação em que a pessoa em mobilidade pode se sentir física e simbolicamente "fora do lugar". Da mesma forma, Ariza, Baldassar e Boccagni (2016) insistem que as emoções possuem uma natureza social e os fenômenos sociais uma dimensão emocional, e que as questões centrais dos processos migratórios, tais como vínculos com a pátria, conexões transnacionais, relações interculturais, cuidado e proteção no interior dos processos migratórios, são noções essencialmente afetivas.

Nas entrevistas realizadas, como melhor explicamos abaixo, tomamos como unidades de análise as partes do relato que mantém relação com: i) Vínculos econômicos e políticos com a pátria de origem; ii) Manutenção de vínculos transnacionais de cuidado e proteção com familiares ou amigos e conhecidos próximos não migrantes ou que migraram para outro país; iii) Dificuldades diversas de inserção na sociedade de destino.

De maneira geral, quando chegam ao país, sírias e haitianas normalmente causam um sentimento de estranhamento e inquietação na sociedade local, por sua raça/etnia, por seus costumes e hábitos diferenciados, pelas questões culturais constituídas por vocabulários, crenças e normas oriundas do país de origem. Ademais, ao se estabelecerem no Brasil, enfrentam questões jurídicas, econômicas, laborais, além das dificuldades no acesso à educação, saúde e a demais políticas públicas que variam conforme a categoria de entrada no país, a regularização e as formas de integração e de adaptação aos novos espaços.

Da mesma forma, surgem as condições de gênero, raça, etnia, religião, classe e status migratório em mulheres, caribenhas, negras ou árabes, ou seja, migrantes residindo e convivendo em graus diversos com atores específicos da

[12]Disponível em https://www.gov.br/trabalho/pt-br. Acessado em 14 de junho de 2021

sociedade brasileira. Acompanhando suas práticas de inserção e sociabilidades, entendemos que as práticas em torno do cuidado e da proteção estão relacionadas à segmentação étnica e sexual do mercado de trabalho e nas demais relações de poder nos processos de socialização, devido à relação do doméstico com o feminino, à naturalização das tarefas do cuidado e à trajetória das mulheres migrantes no centro destas dinâmicas sociais (PEREZ OROZCO, 2014; SPERONI, 2019; FERNÁNDEZ, 2020).

Emoções migrantes

Neste trabalho, interpretamos as narrativas de Maaloula e Monifa[13], duas jovens migrantes que vivem atualmente na Região Sul do Brasil. As entrevistas - semiestruturadas e com profundidade - foram realizadas, transcritas e analisadas no início de 2021, através de plataforma de vídeo-chamada devido à pandemia da Covid-19. Interrogar sobre o processo migratório e as emoções não foram um trabalho fácil, visto que para analisarmos as dimensões emocionais, é necessária uma reconstrução das emoções vivenciadas para elas serem assimiladas e essa reformulação pode ocasionar em uma "reexperiência" da emoção compreendida, o que exige mais da relação entrevistada-entrevistadora (ARIZA, 2017, p. 72). Essas histórias, assim como as de tantas outras migrantes, não são tão simples e, portanto, a partir de suas narrativas buscamos entender as suas complexidades e sobretudo as experiências emocionais que engendram o processo migratório.

Além da mesma idade, ambas com 20 anos, Maaloula e Monifa têm em comum a experiência migratória antes da fase adulta. Maaloula é da Síria, nascida em Alepo e veio para o Brasil de forma forçada devido à guerra no país de origem com os pais e a irmã mais velha em 2013. Monifa nasceu em Porto Príncipe, no Haiti, e com cinco anos mudou-se com os pais e os quatro irmãos para a República Dominicana. Mesmo muito jovens, a trajetória das entrevistadas não começou no momento em que iniciam o projeto migratório, portanto também nos interessa conhecer os fatores emocionais e sociais que antecedem a chegada ao Brasil.

Maaloula viveu por quase dois anos a tensão dos conflitos em Alepo. Na entrevista, ela descreveu o cotidiano de uma guerra: a falta de alimentos e de medicamentos as aulas na escola com janelas tapadas para não serem alvos de

[13]Nomes fictícios.

atiradores; as casas e os prédios destruídos; as idas ao subsolo para se esconder dos ataques; as restrições de circulação no próprio bairro; o medo de ameaça a sua identidade religiosa e cultural, entre outras formas de insegurança e de risco de vida na cidade onde morava. Passados oito anos, Maaloula já consegue falar sobre a guerra de uma forma leve. No entanto, se emociona especialmente ao falar das dificuldades da família (durante o conflito, da saída da Síria e a chegada ao Brasil) e também sobre religião.

Monifa veio para o Brasil aos 18 anos com os três irmãos mais novos. Aos 14, Monifa assumiu o papel de mãe e pai destes irmãos quando seus pais vieram ao Brasil e Monifa e os irmãos continuaram na República Dominicana. Monifa teve que aprender a cozinhar e de cuidar da casa e dos irmãos, assumindo o papel de pai e mãe dos irmãos mais novos. Mesmo sabendo que os pais foram em busca de uma vida melhor para a família, o sentimento de abandono se traduz em fortes traços emocionais, quando a fala fica trêmula e seus olhos enchem de água, uma vez que lembrar disso é doloroso para nossa interlocutora, pois quando o passado é dito em voz alta, ele retorna mesmo que por instantes a ser presente.

Após chegar ao Brasil, especificamente em Joinville, Monifa terminou o Ensino Médio, fez um curso técnico e ganhou uma bolsa de estudos para o curso de Tecnólogo em Processos Gerenciais, na Faculdade CENSUPEG onde trabalha atualmente. Ela sonha em viajar o mundo, e aprender o francês, lamenta não conhecer a língua, tendo em vista que não cresceu no Haiti, mas fala bem o espanhol, o crioulo e agora também o português. Ela sonha em morar no Canadá e ser uma Aeromoça, afirma ainda que não tem medo dos desafios, afinal com 14 anos já era responsável pelos seus três irmãos mais novos e aos 18 já se lançava em direção ao desconhecido em busca de uma vida melhor.

Ela se sente surpresa por conseguir um emprego na área de Recursos Humanos na faculdade, pois ela se considera uma pessoa tímida e introvertida, e a função que desempenha exige que ela se comunique com outros funcionários frequentemente, por isso, pude perceber que seu português é ótimo. Além disso, ela se considera como a melhor que fala o idioma dentre seus familiares.

Monifa tem sido uma aluna destaque em toda sua trajetória acadêmica, exceto quando os pais vieram para o Brasil e a deixaram cuidando de seus irmãos. Esse episódio desperta em nossa interlocutora diferentes sentimentos, desde o medo, coragem e a tristeza que acentua ainda mais a forma pela qual, ela percebe sua identidade e se relaciona com o mundo.

> Eu morei um longo período com meus irmãos sozinhos e, vamos dizer que assim, eu cuidava deles. Mas eu também era uma criança, eu tinha 14 anos quando minha mãe veio. Eu tinha que estudar, cuidar das mesmas coisas que eu não sabia como fazer, porque eu sempre, nunca me vi nessa situação nessa condição de ficar sozinha, principalmente com três irmãos, né, não sabia bem como era. (Monifa, Entrevista concedida a Rafaella Theis. Joinville, 10 jun. 2021)

Assim, Monifa faz parte do terceiro grupo de mulheres classificados por Hoschild e Ehernreich (2003) nas cadeias globais de cuidado[14]. No caso de Monifa, além de ser ainda muito jovem, ela ainda estudava e não tinha trabalho, dependendo apenas das remessas enviadas pelos pais que estavam no Brasil. Esse tipo de arranjo de cuidado que Monifa foi submetida garantiu a reprodução de cadeia de trabalhos de cuidado precarizado. Para além de localizar nossa interlocutora em um marco teórico analítico, no caso em tela, nas redes de cuidado, observamos as relações de interação e as emoções que daí emergiram nesse contexto específico.

> Eu ficava muito deprimida. Eu ficava só no meu quarto até agora só assim fico no meu quarto. Não quero, tem vezes que eu não quero nem falar com ninguém porque era assim que eu me sentia. Me sentia se abandonada... porque meus pais não estavam né. Eu... O sentimento que eu tinha era de abandono e de ódio a eles, porque quando a gente é criança só percebe que eles foram, a gente não entende exatamente o porquê. Por mais que alguém explique "os seus pais foram para uma melhoria assim". Mas a gente só pergunta "por quê? por que não me levaram? Ou por que me deixaram sozinha?" Então, era esse o sentimento que eu tinha e, mesmo tendo esse sentimento, eu tinha que dizer com meus irmãos mais novos que meus pais, eles iam vir, que meus pais foram...porque gostavam muito da gente e eles foram pra buscar uma melhor vida e eles vão voltar, né. (Monifa, Entrevista concedida a Rafaella Theis. Joinville, 10 jun. 2021)

14 Fazem parte desse grupo mulheres que ficam no país de origem e tem a obrigação de cuidar da parte da família que não migrou.

Este fragmento expressa o sentimento de abandono e por vezes de ódio que experimentou Monifa durante os quatro anos em que viveu sozinha na República Dominicana cuidando dos irmãos mais novos. Ela nos conta que por não ter tido o apoio dos pais, apresentou um quadro de depressão e tristeza que provocou sobretudo em declínio da sua vida acadêmica e social, sentindo enorme dificuldade em fazer novas amizades. Monifa ainda nos conta que mesmo tendo ela migrado para o Brasil e viva com seus pais atualmente, ela ainda sente o abandono de quando era criança e sozinha, por isso sua rede de apoio continua pequena.

> (...)eu fiquei até o oitavo ano, que eu fui aluna destaque? Destaque. E o nono, quando meus pais vieram, eu meio que me desliguei dos estudos. (...) eu ficava tranquila em casa, não saía finais de semana, nem com amigos ou namorados. Eles achavam isso normal. Só que eu sabia que além disso ser normal eu também tava passando por dificuldades que eles não entendiam, porque eu também não conversava com ninguém, só com meus amigos Dominicanos, que eram bem poucos

Os sentimentos que Monifa contidos nesses fragmentos, nos fornecem as ferramentas para compreender quais foram as estratégias por ela utilizadas visando a sua interação com o país destino em uma perspectiva subjetiva e processual, como sujeito em transformação, sendo influenciada pelas experiências e sentimentos que surgem delas.

> Eu sou uma pessoa muito exigente. Você não faz ideia. Muito controladora. Eu vejo que sou, tão assim, controladora, de querer que a pessoa seja. Tipo, eu sempre to querendo mudar uma pessoa pra pessoa se adaptar a mim. Pra ser pra mim, pra eu me dar bem com essa pessoa... Na verdade, eu consigo, tem dois anos aqui que eu não namorei assim com ninguém. Mas eu também sabia que eu... Eu sou ambiciosa. Admito ser ambiciosa assim. E eu não queria, eu não ia me ver no topo, pra ir esperando, pra esperar alguém que né (...). Então, essas coisas e também porque a gente tinha muita diferença assim "aí eu teria que mudar ele,

> teria que" Então tudo isso. (Monifa, Entrevista concedida a Rafaella Theis. Joinville, 10 jun. 2021)

Ainda assim Monifa consegue planejar, de alguma forma, suas relações afetivas, com base nos sentimentos explorados de suas experiências passadas, como precisar estar no controle, algo que não foi possível desde a sua infância, quando se viu sozinha na República Domicana com a responsabilidade de cuidar dos irmãos, processo que lhe permite visualizar qual o tipo de relacionamento poderá ser importante para atingir seus objetivos: "Ele até queria casar comigo, mas eu falei "vou só atravessar a fronteira, e chegar aqui no Brasil e vou esquecer de ti, eu não quero casar, vai que eu ache um melhor que tu"

Monifa não tem filhos, mas sabe que sua história poderia ter sido diferente, cresceu vendo meninas da idade dela, engravidando e casando, e Monifa não quer essa vida, ela também não é casada, aparenta ser uma mulher exigente e afirmou que ainda não conheceu um homem capaz de atender suas expectativas. Mas do que isso ela se considera feminista, pois além de querer as mesmas oportunidades do homem, ela não admite ter que se anular ou ser submissa à vontade de outro. Ela gosta de se vestir bem e usar salto alto, entretanto ela não suporta a forma com que os homens a olham por conta de como ela se veste.

Monifa relata que ainda mantém contato com alguns poucos amigos que conheceu na vinda para o Brasil, mas admitiu que tem dificuldades em estabelecer redes de interação mais efetivas com Brasileiros. Essa situação começou a mudar quando conseguiu um emprego de carteira assinada na Faculdade CENSUPEG em que trabalha atualmente. Sua fala elucida o sentimento trazido pelo acolhimento nesse ambiente:

> (...) E agora chegando aqui, vocês só me elogiam, e ao invés de se sentir, assim, incômodos com a minha diferença, com a minha personalidade, todo pelo contrário, vocês gostam de mim. Vocês sempre me elogiam. Eu faço tranças, você já me viu com tranças? Então, vocês nem gostam que eu faço trança, vocês só gostam do meu cabelo assim, sabe? Já várias vezes me disseram isso. Então esse acolhimento, assim, foi o que me fez apaixonar pelo que faço hoje e por tudo que vou fazer. (Monifa, Entrevista concedida a Rafaella Theis. Joinville, 10 jun. 2021)

Assim, Monifa afirma estar experimentando-se no Brasil: "O meu processo de aprendizagem, de... esqueci a palavra... começou agora, né. Tenho um longo caminho pela frente. E eu estou me descobrindo ainda, mas por enquanto estou bem onde estou. " Ela está experimentando, conhecendo sua natureza e limites, observando quem pode ser e quais respostas tem a dar às diferentes situações que se apresentam, que exigem dela um posicionamento, sobre quem quer ser: "Mas eu também queria estudar turismo, tipo algo relacionado a turismo ou aeromoça, para estar sempre no ar ou viajando, assim, conhecendo novas culturas, eu queria estudar muito isso".

Diferente de Monifa, Maaloula não conheceu a experiência de abandono. Contudo, em sua pré-adolescência, o impacto de uma saída forçada de seu país de origem por ameaça à vida, como já mencionado. Ao longo da entrevista, foram diversos os relatos de mais de um ano de tensão na cidade de Alepo devido aos conflitos e, sobretudo, a vivência de todos os procedimentos para a saída do país. O maior fator de risco durante a guerra na Síria estava relacionado à religião da família, cristã ortodoxa, porque "lá tinha muita intolerância religiosa, principalmente na guerra, começaram a chegar ameaças e tudo mais, por conta da nossa religião", explica Maaloula. Porém, o estopim para ir embora

> (...) foi quando minha mãe e minha irmã foram pro centro comprar um presente de aniversário pro meu tio, no meio da guerra, rs. E quando elas tavam voltando embora, caiu uma bomba na frente delas, a dois metros na frente delas. E como assim elas tão vivas? Tão por milagre, porque tinha uma pessoa na frente delas e essa pessoa, nem sei como está, ele levou todo o baque da bomba e se não tivesse essa pessoa, teria atingido elas. Depois que isso aconteceu, o cara caiu na frente delas, meu pai falou "não tem mais como ficar aqui, não é mais seguro pra nós" e esse foi o estopim pra gente sair. Depois disso, meu pai correu atrás pra gente vir pra cá. (Maaloula, Entrevista concedida a Ana Julia Guilherme. Curitiba, 10 jun. 2021)

Para deixarem a Síria, o primeiro passo foi a renovação dos passaportes e, para isso, a família teve que se deslocar para outra cidade, durante o trajeto;

> Eu e minha irmã tivemos que nos cobrir, fingir que éramos muçulmanos, porque senão, eles nos matariam. Tivemos que ir de ônibus, não dava pra ir de carro. A gente foi pra uma cidade, onde a gente não podia tirar as coisas, naquele calor, porque a cidade estava cheia de terroristas. Só que no caminho, a cada 200 metros, não estou exagerando, tinha um ponto que paravam a gente e eram terroristas, pegavam os documentos de todos os homens, desciam e quando tinha um documento de um cristão, chamavam essa pessoa e ninguém mais sabia o que acontecia com essa pessoa. (Maaloula, Entrevista concedida a Ana Julia Guilherme. Curitiba, 10 jun. 2021)

A entrevistada explicou que a família teve sorte pelo fato dos muçulmanos só fiscalizarem os documentos dos homens e o pai tinha um sobrenome árabe. Porém, este não foi o pior momento no processo de saída da Síria. Para deixar o país, devido à destruição do aeroporto e devido às cidades estarem em conflito, a única alternativa foi embarcar em um avião para o litoral do país, única região sem conflito e perto do Líbano, onde tirariam o visto para o Brasil. Maaloula afirmou que

> (...) ninguém podia pegar esse avião, o meu pai tinha contatos com pessoas ali dentro, e aí a gente teve que pagar, né, não tinha o que fazer. Pegar esse aviãozinho pra poder sair (...) era um avião militar, sabe aqueles que não têm bancos. Então, a gente foi com os corpos e com os feridos, a gente ouvia os gemidos o tempo inteiro. A gente não via nada porque estava escuro, graças a Deus, porque não podia ligar as luzes do avião nem nada. Se os terroristas vissem, eles iriam atirar. Era cena de filme. E chegando na outra cidade, ligaram as luzes, porque estávamos numa área segura e a gente viu que tinha ali, corpos, era muito pesado (...). Quando eu lembro disso, e vou contar para as pessoas, parece mentira, né. Mas não foi, foi muito real, eu não consigo imaginar como a gente passou por isso. Cara, que coragem, né. (Maaloula, Entrevista concedida a Ana Julia Guilherme. Curitiba, 10 jun. 2021)

Durante a narrativa de Maaloula, percebemos que o medo e a ameaça de vida nos conflitos, a saída forçada da Síria, de forma apavorante, conflituosa e perigosa, pareceram impactar menos a dimensão emocional da interlocutora que a reconstrução da vida após a migração. Em diversas falas, Maaloula evidencia a vida iniciada do zero da família após a chegada ao Brasil, e fala que "se a gente soubesse que a gente fosse passar por tudo o que a gente passou, se alguém tivesse avisado, a gente não teria vindo, sabe". Ainda, as dificuldades da família quando chegou ao Brasil impactaram na decisão de uma tia em continuar na Síria mesmo em guerra: "porque ela viu o que aconteceu com a gente, por isso ela fica com medo. Por mais que a gente encoraja ela (em sair da Síria), ela fala ´não, mas pensa, agora eu tenho tudo, imagina sair e ficar igual vocês, tentando construir tudo de novo". Ademais, na fala abaixo, podemos observar a angústia da interlocutora em ver o sentimento de frustração de seus pais:

> Eles construíram tudo e já estavam quase chegando naquele nível de aproveitar tudo o que eles conquistaram. Mas foi nesse momento que eles tiveram que largar tudo, então, pensa a frustração, depois de 50 anos, um pai ter que começar tudo do zero. E, tipo, a gente não tinha idade pra ajudar, sabe, eles. E eles não deixavam a gente trabalhar, eu até porque era muito nova, mas nem minha irmã (na época com 16 anos), eles sempre priorizaram muito o nosso estudo. Eles sempre falavam "foquem no estudo, que a gente vai dar um jeito, foquem no estudo que a gente dá um jeito". E foi isso que a gente fez e deu tudo certo. (Maaloula, Entrevista concedida a Ana Julia Guilherme. Curitiba, 10 jun. 2021)

Desde este momento, a narrativa de Maaloula volta-se para a trajetória de dedicação aos estudos no Brasil e para a vontade de crescer profissionalmente. Neste aspecto, observamos o quão grande é o desejo da jovem em ajudar a família, por isso, ela dedica-se tanto aos estudos. As expectativas de ascensão acabam por influenciar as estratégias descritas a seguir.

Inicialmente, ela esteve matriculada em uma escola pública estadual em São José dos Pinhais na Região Metropolitana de Curitiba, onde a família morou nos dois primeiros anos no país. Ela terminou o Ensino Fundamental com muito destaque e obteve uma bolsa integral em um colégio particular em Curitiba.

Logo após concluir o colégio, foi aprovada para o curso de Medicina na Universidade Federal do Paraná e atualmente está no terceiro ano do curso. Mesmo sendo aprovada para o curso de Medicina em outra cidade, Maaloula resolveu ficar com a família durante a pandemia. As práticas e estratégias de Maaloula também estão inseridas nos arranjos de cuidado familiar, como se pode perceber: "a gente é bem apegado uns aos outros; então, a nossa estrutura familiar, particularmente, ela é muito sólida, sabe". Essa relação fortalecida e apegada com a família é descrita desde a saída da Síria até os dias de hoje, em que relata que "a gente é muito unido, então, pra qualquer lugar que a gente vai, a gente vai junto; se tem uma coisa pra resolver no banco, eu vou lá junto resolver, ou a minha irmã vai resolver; os meus pais são muito dependentes da gente nessa parte". Maaloula afirma que todos os ganhos e conquistas que a família obteve no Brasil foram coletivas, de toda a família

> Na nossa casa é assim, a gente toma as dores uns dos outros, então, em conjunto a gente consegue qualquer coisa. Ninguém consegue nada sozinho. A própria loja, por exemplo, se não tivesse minha irmã, minha mãe não conseguiria atender tão bem quanto ela, ela é mais tímida. Se não tivesse minha mãe, a gente não teria os produtos da loja. Cada um tem sua função aqui em casa, e isso me deixa muito orgulhosa. A gente não teve desestruturação familiar, a gente caminha todos juntos pra chegar em algum lugar. (Maaloula, Entrevista concedida a Ana Julia Guilherme. Curitiba, 10 jun. 2021)

Mesmo sendo a mais nova, com 13 anos, Maaloula foi a primeira da família a aprender português, argumentando que "porque eu sei que eu tenho um jeito mais aberto e tudo; assim, eu lembro que na época que eu não sabia falar nada, meus pais falavam 'Maaloula, fala pra eles tal coisa'; e eu não sabia falar, eu tinha que me virar e aí eu falava pra ajudar". Ainda, a interlocutora explica que foi a primeira da família a interagir com outras pessoas:

> Comecei a procurar outras amizades pra começar a aprender português. Mas com relação a isso, a minha irmã teve muita difi-

> culdade. No meu caso foi rápido (...) Agora, a minha irmã, como a personalidade dela era muito mais quieta, ela não procurava conversar com as pessoas, e ela tava muito, muito apegada ainda a todas as coisas da Síria, a todas as amizades de lá, tudo, à escola, à cidade. Então, ela teve grande dificuldade, a gente teve que ficar muito do lado dela, muito, muito, muito. (...) Minha irmã passou por muitas questões psicológicas, ela chegou a desenvolver doença mesmo. Ela precisou trancar a faculdade, porque quando ela entrou na faculdade, ela ainda não tava 100%. (Maaloula, Entrevista concedida a Ana Julia Guilherme. Curitiba, 10 jun. 2021)

Assim, mesmo sendo três anos mais nova, Maaloula descreve a relação da irmã a partir do cuidado e das dificuldades, uma vez que esta precisou receber um apoio especial da família porque apresentou um sofrimento maior com o processo da migração. Isto é, apesar da pouca idade, de acordo com a sua trajetória descrita, Maaloula aparenta ocupar um papel central na família. Atualmente, estudante de Medicina, ela ainda ajuda no trabalho dos pais. Sua mãe é dona de uma pequena loja de acessórios e roupas, e seu pai é ourives e também tem um negócio próprio:

> fico procurando fornecedores pra minha mãe, digo qual loja tem preço bom. Em relação a meu pai, ele tem clientes e ele não tem a fala muito boa e eu faço isso, a mediação, pra conseguir algumas coisas. Eles precisam sempre de muitas vezes de pesquisas, eles pedem coisas para eu pesquisar. Eu tenho que pedir uber pro meu pai sempre, no que puder ajudar, eu ajudo. Quando eu não tenho aula, eu ajudo, porque gosto de conversar com os clientes. (Maaloula, Entrevista concedida a Ana Julia Guilherme. Curitiba, 10 jun. 2021)

Com relação aos vínculos do país de origem, Maaloula tem uma tia e uma avó ainda lá, as quais passaram muitos apuros na guerra. Outros familiares estão espalhados pelo mundo. Ela diz sentir mais falta das relações do país de origem, que diz serem mais afetivas, especialmente com relação à identidade religiosa. Maaloula argumenta que a igreja cristã na Síria representa uma comunidade unida e centralizada, em que a escola que frequentava, o bairro e as cida-

des para onde viajavam eram todos cristãos. Em Curitiba, Maaloula conta que a família não se identificou com a igreja ortodoxa que os sírios frequentam devido à diferença dos costumes. Segundo ela, a maioria dos sírios desta igreja são de cidades do interior da Síria e possuem um pensamento diferente daquele de sua família. Assim, eles apenas convivem com só outra família de sírios, também oriundos de Alepo.

Também com relação aos costumes, Maaloula confessa que a família se distanciou dos árabes: "a gente acabou adquirindo muitos costumes brasileiros; por exemplo, a questão de namorar; na Síria não tem isso de namorar, ou casa ou noiva. Aqui não, eu tenho namorado, ele vem aqui em casa e isso os árabes já não aceitam, né". Ela explica que a família mudou a base de muita conversa incentivada por ela: "eu falei, pai e mãe, não tem como a gente continuar se apegando a isso; lá a gente seguia esses costumes justamente porque era imposto pela sociedade. E aqui, como a gente vai fazer a mesma coisa de lá, se a sociedade impõe outras coisas?".

Em mais de um momento, Maaloula critica a sociedade síria pelo machismo e pelas desigualdades. Neste âmbito, desde muito cedo ela se mostra envolvida em questões sociais. Já na primeira escola no Brasil, participou do Parlamento Jovem[15] e declara "eu sou assim, falo pra todo mundo 'vamos fazer uma coisa, vamos fazer justiça, vamos tentar mudar uma coisa'. E isso a fez pensar em Relações Internacionais para o vestibular, mas desistiu porque não poderia ocupar os grandes cargos por não ser nativa e, assim, não poder fazer diferença para o país. Mas ressalta que Medicina sempre foi uma opção, e o sentimento de mudar as estruturas do Brasil continua: "sempre falo 'mãe, quando eu me formar, quando eu tiver uma experiência boa, eu posso tentar fazer algo, posso entrar no Ministério da Saúde e mudar o SUS daqui; porque a gente sabe que ele é bom, só precisa melhorar mais".

Em resumo, Maaloula mostra-se orgulhosa daquilo que a família conquistou no Brasil e não imagina ter que reconstruir a vida novamente em outro lugar. Isso porque, apesar das dificuldades, ela está em uma faculdade cursando Medicina, o que em nenhum momento pensou ser possível. Ela também não vê futuro na Síria, porque embora os conflitos tenham diminuído, afirma que "o pós-guerra é pior que a própria guerra". Maaloula afirma que a religião ortodoxa síria tem

[15]Parlamento Jovem Brasileiro: "Programa de Educação para Democracia, que anualmente oferece a estudantes do Ensino Médio de todo o país a oportunidade de simular a jornada de trabalho dos deputados federais". Fonte: https://www2.camara.leg.br/ (acessado em junho de 2021).

muita importância em sua vida, afinal, determinava o estilo de vida que tinha na Síria. Ela se emocionou mais de uma vez ao contar que muitos brasileiros não entendem a sua religião e querem reconvertê-la, mesmo ela se dizendo cristã. Assim, a frase "eu sou muito curitibana" revela a tensão emocional existente entre o forte sentimento de pertencimento ao Brasil e à cultura local e a identidade religiosa com o país de origem. Dito de outro modo, mesmo não se identificando totalmente com os costumes dos conterrâneos, Maaloula não percebe o reconhecimento, que esperava ter, dos brasileiros em relação à sua religião.

Considerações Finais

As trajetórias migratórias são portadoras de significados e produzem, para o sujeito migrante, uma série de maneiras de responder e de interpretar que podem impactar diferentes situações; de certo modo, configuram-se como elemento que possibilita a relação entre a estrutura social e a agência individual, como postulam Ariza (2017) ou Fernández (2020). Segundo Le Breton (2012), destaca-se aí a subjetividade das interlocutoras que interagem com essas experiências descritas a base de ferramentas que encontram em sua "cultura afetiva", a partir de um processo de conhecimento de acordo com o estilo de cada uma.

Alguns acontecimentos marcaram a dimensão emocional das duas jovens migrantes. Como lógicas sociais, estas dinâmicas emocionais foram observadas em função dos marcadores de gênero, de idade, de religião, de raça, de etnia, de classe, que influenciaram nas estratégias gerais de vida das entrevistadas em Curitiba e em Joinville e nas formas como se expressam enquanto mulheres migrantes de acordo com as suas narrativas. As entrevistas e o trabalho de campo confirmaram a importância da dimensão emocional nas trajetórias e práticas sociais dessas mulheres imigrantes desde a sociedade de origem. Unindo num único movimento, migrantes e seus familiares que permaneceram na sociedade de origem, esse conjunto de dinâmicas esteve na base de práticas sociais variadas desde a definição do projeto migratório, passando pelas escolhas profissionais e educativas até a manutenção ou o estabelecimento de relacionamentos afetivos. No caso de Maaloula, os conflitos na Síria, a partida em meios aos feridos que gemiam no interior do avião militar que a transportou, a reconstrução da vida em outro país ou a tomada de consciência do machismo corrente na sociedade síria; no caso de Monifa, mesmo sendo ainda criança, a experiência de abandono

e os quatro anos cuidando dos irmãos na República Dominicana onde acalentou esperanças, dela mesma e dos irmãos, de rever os pais.

Em resumo, as emoções afloraram nas esferas do cuidado que foram impostas à Monifa e nas ameaças à vida da Maaloula, que produziram sentimentos de medo, insegurança, coragem, determinação, superação, entre outros. O conjunto destes sentimentos estão imbricados nas experiências de migração de cada uma, tendo surgido quando do enfrentamento das adversidades encontradas no processo de chegada ao Brasil e na interação à nova sociedade.

Em conclusão preliminar, é possível dizer que os processos migratórios e de inserção local analisados não se limitam à busca individual por melhores oportunidades, mas mantém relação com as cadeias globais de cuidado e de proteção social e também das situações vividas no processo de adaptação à sociedade brasileira, evidenciando o papel que tem as dinâmicas socioemocionais.

RECEBIDO EM 19/07/2021
APROVADO EM 08/01/2022

Referências

ARIZA, Marina. *Vergüenza, orgullo y humillación:* contrapuntos emocionales en la experiencia de la migración laboral feminina. Estudios Sociológicos XXXV: 103, 2017.

AGUILAR, Sérgio L. C.; FURTADO, Gabriela; RODER, Henrique. (2014) A Guerra Civil Síria, o Oriente Médio e o Sistema Internacional. *Série Conflitos Internacionais***,** Marília, v. 1, n. 6, p.1-6.

BAENINGER, Rosana A. et all. (Orgs.). (2016). *Imigração haitiana no Brasil.* Jundiaí: Paco Editorial.

BOCCAGNI, O. BALDASSAR, L. (2015) Emotions on the move: Mapping the emergent field of emotion and migration**.** *Emotion, Space and Society*.

Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília,

D'ANDRÉA, Nicolas. (2007). Recomposition régionale dans le Sud bolivien et migrations vers l'Argentine. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, vol. 23, nº 2, pp. 2-9.

DE HAAS, HEIN (2021). A theory of migration: the aspirations- capabilities framework. *Comparative Migration Studies*, 9:8. Disponível em https://doi.org/10.1186/s40878-020-00210-4. Acesso: 4 maio de 2021.

FERNÁNDEZ, Rosalía López. (2020). El potencial de las emociones em el estudio de los movimientos migratórios**.** Un analisis sobre poder y estatus a partir de histórias de vida de mujeres migrantes empleadas de hogar. Migraciones, 49, Universidad de Granada

GUILHERME, Ana. J.; OLIVEIRA, Márcio de (2020). *Dinâmicas sócio-emocionais em processos transnacionais: refugiadas sírias no Brasil e sua identidade diaspórica*. In: 44 Encontro Anual da ANPOCS, 2020. Anais do 44 Encontro Anual da ANPOCS.

HOCHSCHILD, Ariel Russel; EHRENREICH, Barbara. Global Woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy. New York: Metropolitan Books, 2003.

HOSCHSCHILD, Arlie R. (1983). *The managed heart. Commercialization of Human Feeling*. Berkley: California University Press

LATTÉ, Stéphane (2015). Des « mouvements émotionnels » à la mobilisation desémotions». *Terrains/Théories*, 2. Disponível em http://journals.openedition.org/teth/244. Acesso: 5 de março de 2021.

LE BRETON. 2012. "*Por una antropología de las emociones*". Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad, nº 10. Año 4.

LIBERONA, Nanette. (2011). Nouvelles migrations sud-américaines au Chili : Rapports de sexe, classe, et « race » en santé.*Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* , vol. 22. Acesso 13 de agosto de 2020. Disponível em www.alhim.revues.org/4117 Acesso em 20 de agosto de 2020.

OLIVEIRA, Márcio de (2020a). Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil: subsídios para políticas públicas. Brasília: Ed do ACNUR, 70 p. Disponível em www.acnur.org.br Acesso: 3 de março de 2021.

_____. (2020b). Sírios e congoleses homens e mulheres refugiados no Brasil. *Revista Plural*, vol. 17, nº 1, p. 62-89. Disponível em

http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/171528 Acesso: 4 de abril de 2021.

PEREZ OROZCO, Amaia. (2014). *Subversión feminista de la economía: aportes para un debate sobre el conflicto capital-vida*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2014, pp. 89 – 94.

PIZARRO, J. M.; RIVERA, C. O. (2016). *Nuevas tendencias y dinámicas migratórias en America Latina*. Santiago: Publicaciones de las Naciones Unidas.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; COSTA, L. F. L; MACEDO, M. Resumo Executivo - Refúgio em Números, 6ª Edição. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF:

OBMigra, 2021. Disponível em: https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em--numeros. Acesso em 02 de Dezembro de 2021

SOARES, Angelo. (2003). Les émotions dans le travail. *Travailler*, nº 9, p. 9-18. Disponível em ZZZ.FDLUQ.LQIR/UHYXH-WUDYDLOOHU-2003-1-SDJH-9.KWP Acesso: 4 de março de 2021.

SOUCHAUD, Sylvain. (2011). A visão do Paraguai no Brasil. *Contexto Internacional*, vol 33, nº1, pp. 131-153.

SPERONI, Thales (2019). *DESENCAJES Y BRICOLAJES DE LA PROTECCIÓN SOCIAL: Las Familias Transnacionales Bolivianas en Barcelona y São Paulo***.** Tese de doutorado em Sociologia.

STEFONI, C. (2017). *Panorama de la migración internacional en América del Sur*. Documento elaborado en el marco de la Reunión Regional Latinoamericana y Caribeña de Expertas y Expertos en Migración Internacional preparatoria del Pacto Mundial para una Migración Segura, Ordenada y Regular. Santiago: Publicaciones de las Naciones Unidas.

SVASEK, Maruška. (2010). On the Move: Emotions and Human Mobility. *Journal of Ethnic and Migration Studies***,** 36:6, 865-880.

VELASCO, Mercedes Jabardo. Desde el feminismo negro, una mirada al género y la migración. In: *Feminismos en la Antropología: nuevas propuestas críticas*. Ankulegi, España, 2008.